



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração oficial da XXVI Expointer 2003**

Esteio - RS, 05 de setembro de 2003

Eu quero, antes de cumprimentar as autoridades aqui presentes, dizer que nesses anos de política é a primeira vez, meu caro governador Rigotto, que o povo tem um certo privilégio sobre quem está no palanque, porque, normalmente, quem está no palanque fica na sombra e o povo fica no sol. E hoje, aqui, nós ficamos com a cara para o sol e o povo de costas para ele. Eu não sei se foi premeditado mas, de qualquer forma, eu estou vendo, muita gente sofrendo como eu com o sol. Amanhã vão até pensar que o Rigotto foi para a praia.

Eu quero cumprimentar o companheiro Rigotto, governador do estado do Rio Grande do Sul,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Jorge Battle, nosso querido irmão. Irmão por ser uruguaio, irmão por ser gaúcho, e irmão por ser da América do Sul, da América Latina. Irmão, porque é um companheiro que acredita que nós teremos dias melhores neste país.

Eu quero cumprimentar os meus ministros que estão aqui, a Emília, o Rossetto, o Roberto Rodrigues, o Olívio, o Tarso Genro.

A nossa querida prefeita, Sandra Silveira,

O nosso governador de Santa Catarina,

O nosso vice-governador do estado do Paraná,

Os secretários de Estado,

Os ministros uruguaiois,

A Federação dos Empresários da Agricultura do Rio Grande do Sul,

Os trabalhadores,

Os representantes da agricultura familiar,



Os deputados,
Os senadores,
Os especialistas que estão aqui, todo mundo pensando na transgenia,
Meus amigos e minhas amigas,

Esta é a nona feira que eu visito este ano, em oito meses de governo. Possivelmente eu tenha visitado, em oito meses, mais feiras de agronegócio do que muitos presidentes visitaram, nos últimos anos, no nosso país.

E fiz isso porque, durante muitos anos, eu fazia questão de dizer que se enganavam aqueles que entendiam que a agricultura não era mais um pilar do desenvolvimento nacional. Houve um tempo, até, em que se tentou criar uma certa inibição nos homens da agricultura, porque não eram modernos e que modernos eram apenas aqueles que estavam na atividade empresarial nos grandes centros urbanos deste país.

Como Deus escreve certo por linhas tortas e a agricultura ainda é um dos pilares do desenvolvimento do país, hoje, mais do que apenas no Brasil, a agricultura brasileira é motivo de orgulho nacional em qualquer lugar do mundo em que se discuta agricultura. Hoje, no Brasil, também os setores que trabalham com a agricultura, desde o ministro da Agricultura, os secretários da Agricultura e aqueles que trabalham no campo perceberam que investir em tecnologia pode parecer caro na hora do investimento, mas torna-se barato na hora em que a gente começa a arrebatar os ganhos do investimento na tecnologia.

É por isso que este Estado consegue ser de uma capacidade produtiva excepcional e de uma qualidade de vida acima da média do nosso país. Ainda falta muito, eu sei que falta muito para que a gente atinja a perfeição que precisamos atingir. E sei que o governo tem a sua responsabilidade; que os governos estaduais têm as suas responsabilidades; que o bom funcionamento do Mercosul tem a sua responsabilidade. Mas sei também que cada um de



nós, individualmente, tem a sua responsabilidade para garantir o que vai acontecer no nosso país daqui para a frente.

Agora, a moda é discutir a política tributária. E que bom que estejamos discutindo política tributária de verdade, porque antes era apenas uma peça de retórica, defendida de forma diferente por nós, políticos, e pelos empresários brasileiros. Cada um tinha a sua política tributária, cada um pensava no seu estado, no seu município, na sua categoria econômica ou na sua fábrica, e nós resolvemos dar densidade nacional a uma proposta de política tributária.

A política tributária que está sendo votada no Congresso Nacional não é do presidente Lula e nem individualmente de nenhum empresário e de nenhum governador. Primeiro, foi feito um texto pelo Ministro da Fazenda. Até aí, o texto era do ministro Palocci. Depois, esse texto foi levado para uma reunião com os 27 governadores. Mudamos o texto e ele deixou de ser do ministro Palocci e passou a ser o dos 27 governadores mais o Presidente da República. Depois este texto foi para o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social e lá recebeu algumas emendas que foram colocadas em paralelo, porque não podíamos mudar o que já tínhamos decidido com os governadores. Depois, foi para o Congresso Nacional, onde, da forma mais democrática possível, os deputados têm o direito de concordar ou não com aquilo que foi apresentado pelo Presidente da República e pelos 27 governadores de Estado. E ela foi votada.

O problema da política tributária no Brasil é que todos querem ganhar e ninguém quer perder. O governo federal quer ganhar e não quer perder. Os governos estaduais querem ganhar e não querem perder. Todos os segmentos da sociedade querem ganhar e não querem perder e é muito difícil construir um jogo que dê empate em todas as partes.

O governador Rigotto teve um papel extremamente importante junto ao ministro Palocci na construção do desenho, tendo como eixo fundamental desonerar a produção e as exportações e acabar com a guerra fiscal que tinha



sido estabelecida neste país, pela fragilidade de se discutir com a sociedade de governos anteriores. Este princípio está contido.

O que é importante e muito interessante é que prestei muita atenção na imprensa, no dia seguinte, após a votação das reformas. Diziam que tinha havido negociação, porque no Brasil, também, a imprensa não está acostumada com negociação, ela estava acostumada com negociata. E nós negociamos com os governadores, na Câmara, como vamos negociar no Senado, porque o governo federal não é o dono da verdade, ele defende a sua tese, mas está aberto a ceder quando outras teses se apresentarem com mais eficácia do que a tese apresentada pelo governo federal. Da mesma forma que fizemos isso na Previdência Social vamos fazer em outras reformas no país, que vão da estrutura sindical, à questão trabalhista e à reforma agrária. Nós vamos adequar o Brasil ao século XXI e não ficar discutindo apenas o que tínhamos um século atrás. Vamos dar passos sabendo da necessidade de manter os direitos dos trabalhadores, mas não vamos permitir que privilégio seja tratado como direito, porque o privilégio atende a uma minoria muito pequena, em detrimento da grande maioria, que está marginalizada do processo de desenvolvimento e de crescimento da economia brasileira.

E faço isso, senhores produtores rurais, senhores empresários, autoridades aqui presentes, porque comecei a minha vida política negociando. E foi nas derrotas e nas vitórias das negociações que fiz no movimento sindical que aprendi a ter paciência, que aprendi a ceder quando foi preciso ceder, que aprendi a ser duro quando foi preciso ser duro. Mas aprendi, sobretudo, que a democracia não é a supremacia da minha vontade sobre a vontade da sociedade. A democracia é exatamente a supremacia da vontade da sociedade sobre a vontade do governante.

Estamos construindo todas essas mudanças com o debate mais extraordinário que já foi feito neste país. Hoje, não quero saber se um governador é do PMDB, se um deputado é do PSDB, se um vereador é do



PFL, se é do PT ou do PC do B. O que quero saber é que ele tem um mandato e, por esse mandato, ele tem responsabilidade. E eu quero lidar com ele por meio da responsabilidade institucional que lhe foi delegada pela sociedade, para que a gente possa fazer o Brasil voltar a acreditar que através da política nós poderemos resolver os graves problemas que já se tentou resolver no Brasil e que não se conseguiu.

Por isso é que venho, pela nona vez, a uma feira de negócios da agricultura brasileira. Venho aqui com orgulho, para ver essa beleza de animal que está sendo apresentado. Espero que o cavalo crioulo que ganhei seja da mais alta qualidade. O Rigotto vai ter que levá-lo para mim; como, eu não sei, mas vai ter que levá-lo, porque, outro dia, foi um grupo de gaúchos lá em casa, me deram uma égua e, depois, foram embora e eu fiquei sem a égua. Amanhã, vão me entregar a égua, e eu estarei de braços abertos para recebê-la. E me deram também um pé de mate. Quando eu fui plantar, não era um pé, era apenas um galho. Então, agora, também me devem um pé de mate, para eu plantar, porque vou criar um espaço em que vai ter árvore de cada país, de cada estado plantada no terreiro do Palácio da Alvorada, para dar uma densidade nacional.

Mas foi por meio das visitas a essas feiras e das discussões feitas com os empresários do setor agrícola, com trabalhadores, com representantes da agricultura familiar, que nós tivemos a grandeza de fazer o que há muito tempo não tinha sido feito neste país, não apenas pela quantidade de verba que foi destinada à agricultura empresarial e à agricultura familiar, mas pelo tempo em que essa verba foi comunicada e começou a ser liberada, porque houve um tempo em que se anunciava na televisão e, quatro meses depois, as pessoas não tinham ainda o sabor de ter chegado o dinheiro, porque o dinheiro não estava no banco.

Só para vocês terem um exemplo, no dia 24 de junho nós anunciamos o dinheiro do Pronaf, e no dia 15 de julho já tinha trabalhador sacando o seu



dinheiro para começar o plantio, para começar a comprar aquilo que precisava.

E eu disse ao Miguel Rossetto – e isso vale para o companheiro Roberto Rodrigues: eu espero que, quando terminar o prazo do financiamento, a gente não tenha nenhum centavo desse recurso nos bancos, espero que a gente tenha liberado tudo. Porque, aí, no ano que vem, vocês poderão brigar para que a gente possa ter muito mais dinheiro para dar para a agricultura brasileira.

Pela primeira vez o Roberto Rodrigues, que é um especialista em negociação, junto com o Ministério das Relações Exteriores e com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, vai poder participar da reunião da OMC numa posição minimamente vantajosa. Ou seja, eles não entrarão na OMC, desta vez, como coadjuvantes. Entrarão como protagonistas do processo de discussão.

E isso vai fazer com que entendamos o seguinte: nós estamos, há muitos anos, brigando, chorando, lutando para que os subsídios agrícolas dos países ricos não sejam um entrave para o crescimento das nossas exportações.

Não tem um discurso de um governante do Terceiro Mundo, não tem um discurso de um governante dos países em desenvolvimento em que a questão do protecionismo europeu e americano não esteja pautada no discurso das autoridades.

E eu estou convencido, meu caro Maggi, estou convencido, meu caro Governador e ministros aqui presentes, que no dia em que a gente parar de pedir, nós vamos conquistar o fim do subsídio. O que nós precisamos é criar uma força política que nos dê condições de entrar nas negociações sem precisar tanto dos países que impõem o protecionismo. Porque, aí, eles tratarão de perceber que já não somos tão dependentes e que, por isso, eles tomarão a iniciativa de começar a fazer negócios conosco.

Porque o Brasil, o Uruguai, a Argentina e outros países já deram uma demonstração: nós não queremos piedade dos países ricos, nós queremos



oportunidade de disputar em igualdade de condições. Se é um mundo de livre mercado, vamos fazê-lo livre, porque nós não temos medo de competir. E não temos dúvida nenhuma que somos capazes de produzir mais e melhor do que muitos que, por não terem condições de competir conosco, atrapalham que os nossos produtos de fluir livremente pelos mercados globais que eles próprios criaram.

Com relação a essa questão da transgenia, tão debatida em verso e prosa, aqui no estado do Rio Grande do Sul, vou ser muito franco com vocês. Este ano, nós fizemos uma coisa por respeito àqueles que tinham sido vítimas de um governo que teve medo de tomar uma posição na hora. De repente, eu tomo posse e me deparo com alguns milhões de toneladas de soja transgênica aqui, no Rio Grande do Sul que, num primeiro momento, alguns diziam que era só de grandes fazendeiros e, depois, se descobriu que tinha todo um segmento da sociedade produzindo transgênicos aqui e em outros estados do Brasil.

E o governo tinha que tomar uma decisão. A primeira era aquela que, em alguns momentos históricos do Brasil, foi tomada: não pode vender. Vamos, então, num país em que o povo não tem emprego, em que está passando fome, mandar queimar a soja transgênica. Outros diziam: “Não! Nós temos que exportar tudo para a China”. Só que esqueceram de perguntar à China se ela queria comprar toda a soja que nós plantamos. Nós preferiríamos que prevalecesse o bom senso: vamos exportar o que for possível e vamos utilizar aqui dentro o que for possível, tentando carimbar com uma boa rotulagem, para que as pessoas saibam se é ou não.

Acontece que existe uma lei, que não foi feita por mim, proibindo os transgênicos no país. E nós vamos ter que resolver este problema. Até porque o que é gostoso em governar é que às vezes, tem mais problemas do que soluções fáceis. E são esses problemas que fazem com que cada um de nós aprenda a exercitar a democracia às últimas conseqüências. Eu já disse, dentro e fora do governo, que eu não quero um debate ideológico sobre a



questão dos transgênicos, eu quero um debate científico.

Ainda nesta semana – o Roberto estava em Oslo e não pôde participar – tivemos a primeira reunião para discutir um projeto de lei que vai para o Congresso Nacional. E vamos discuti-lo com a seriedade que um país do tamanho do Brasil precisa ter; vamos discutir com a responsabilidade que um país do tamanho do Brasil tem no mundo. E vamos discuti-lo não pelos gritos dos que são a favor ou dos que são contra, mas pela capacidade da inteligência brasileira em dizer se nós vamos assumir a responsabilidade ou não. E, a partir daí, queremos ter baseados em sustentação científica, uma diretriz que valerá para todo o território nacional.

Nós sabemos que temos que fazer isso porque, na minha vida política, se tem uma coisa que eu nunca aprendi a fazer foi vacilar diante de problemas. Eu já enfrentei problemas muito mais difíceis do que debater os transgênicos e nunca deixei de dizer aquilo que eu penso no momento certo. E vocês, produtores gaúchos, brasileiros, ministro Rossetto, ministro Roberto, tenham a clareza de que, no momento certo, nós iremos tomar uma decisão, enviar ao Congresso Nacional e definir de uma vez por todas, porque este país merece respeito. E esse respeito que o país merece será muito maior na hora em que nós, brasileiros, aprendermos a nos respeitar. Nós não temos que ter medo de debater nem a transgenia, nem outro assunto qualquer, porque nós queremos é encontrar solução para que o país possa ser cada vez mais forte na disputa desse mercado global, que todos queremos que cresça cada vez mais, e todos nós estamos ansiosos para que a agricultura brasileira continue sendo a razão do extraordinário superávit que o Brasil continua tendo na sua balança comercial.

Por isso, eu quero dizer a vocês da XXVI Expointer que é com muito prazer que estou aqui. Eu não sabia que fazia 18 anos que um presidente não vinha aqui. Azar dos que não vieram antes de mim, porque, se eles soubessem o que é esta extraordinária Exposição, teriam vindo todo ano participar desta



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República

Feira.

Muito obrigado, gente. E até a próxima feira, se Deus quiser.

/mcpro/lrj/vpm